

Da saúde a amizade: “Há coisas que não se pode fazer junto sem acabar gostando um do outro”

Jamilly Starling Santos de Jesus¹

Mônica de Menezes Santos²

Prior Incantato

A cada ano, editoras elaboram catálogos que apresentam uma ampla gama de obras destinadas ao público infantil que classificam os livros de acordo com diversos critérios, abrangendo faixas etárias, aspectos artísticos, ordem alfabética e finalidade pedagógica. Todos esses critérios visam atender a uma necessidade: a constituição de acervos de livros. Professores, pesquisadores, leitores de modo geral, vivenciam diferentes momentos de formação de acervos literários, os acervos da infância, ainda mediados pelo olhar adulto, as paixões literárias da adolescência, os livros que marcam a descoberta de caminho profissionais, as possibilidades são inúmeras!

Ao contemplarmos o processo de construção de acervos, percebemos que ele se assemelha ao processo de migração para uma nova cidade. Inicialmente, caminhamos pelas ruas a esmo, tentando traçar nossos próprios mapas, descobrindo lugares para frequentar, amigos para amar. Com o tempo, percebemos que já temos uma padaria favorita, onde a senhora do caixa nos cumprimenta pelo nome e o jovem do balcão de doces separa nossas tortinhas de leite condensado assim que adentramos a porta. Quando se trata da composição de acervos, também seguimos um percurso semelhante. Primeiro, começamos a explorar uma estante ainda inexplorada em uma livraria, deslizando os olhos pelos títulos, sentindo a textura das capas, nos encantando com a disposição de um sumário, uma dedicatória delicada ou uma sinopse encorajadora. Gradualmente, chegamos ao ponto em que estamos a par da data de lançamento do novo livro de uma autora mineira ou cientes das chances de um livro de um autor baiano ganhar um Prêmio Jabuti.

Antes de prosseguir com o texto, chamamos atenção para uma característica que pode causar estranheza aos leitores. Este texto foi coescrito, entretanto, destoando da abordagem convencional para os textos acadêmicos, decidimos alternar a pessoa do verbo. Em alguns

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal da Bahia, Professora da Rede Municipal da cidade de Salvador.

² Professora Adjunta de Literatura Brasileira da Universidade Federal da Bahia, atuando na Graduação e Pós-Graduação (PROFLETRAS e PPGLitCult). Doutora em Letras pela UFBA.

momentos, utilizarmos a primeira pessoa do singular, enquanto em outros momentos, a primeira pessoa do plural. Essa escolha reflete as nuances presentes nas experiências individuais das pesquisadoras, escrito isso, podemos prosseguir.

Ao assumir o cargo de professora na rede municipal de ensino da cidade de Salvador, no ano de 2022, com a responsabilidade de lecionar práticas literárias e ciências para crianças do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, deparei-me com uma das primeiras preocupações: quais livros escolher para cada turma? Como estabelecer critérios de seleção sem conhecer as turmas? Nesse momento, as palavras da pesquisadora colombiana Yolanda Reyes surgiram nítidas em minha memória.

Os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem. A experiência de encontrar os livros certos nos momentos certos da vida, esses livros que nos fascinam e que nos vão transformando em leitores paulatinamente, não tem uma rota única nem uma metodologia específica; por isto os mediadores de leitura não são fáceis de definir. No entanto, basta lembrar como descobrimos, nos primeiros anos da vida, esses livros que deixaram rastros em nossa infância e, talvez, aparecerão nítidas algumas figuras que foram nossos mediadores de leitura: esses adultos íntimos que deram vida às páginas de um livro, essas vozes que liam para nós, essas mãos e estes rostos que nos apresentavam os mundos possíveis e as emoções dos livros. (REYES, 2014, n.p)

Consciente da minha responsabilidade enquanto mediadora de leitura e da importância em estender pontes entre livros e leitores, no início do segundo semestre do ano de 2022, dediquei-me a dialogar com as crianças sobre suas preferências de leitura, os desenhos animados e filmes que elas acompanhavam, as suas brincadeiras favoritas, com o intuito de conhecer um pouco dos universos narrativos em que elas habitavam. Neste ensaio refletimos sobre experiências de leitura com duas turmas do 3º ano do Ensino Fundamental I, nas quais as conversas revelaram um apreço predominante pelos contos de fadas e narrativas de aventuras, tanto livrescas quanto filmicas. Foi com essas turmas que, após um período de aulas, embarquei em um ciclo de leitura da obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, escrita pela autora britânica JK Rowling.

A escolha por ler a história do jovem órfão cuja vida é transformada ao descobrir sua ascendência bruxa, bem como o passado sombrio que assolou sua família, pode ser justificada por diversas razões. Fosse a nossa intenção abordar a obra sob uma perspectiva pedagógica, a saga Harry Potter se apresenta como um convite para reflexões sobre a importância do

trabalho colaborativo, basta lembrarmos como Harry, Ron e Hermione foram capazes de superar os desafios impostos pelos professores e acessar a câmara onde a Pedra Filosofal estava protegida, como podemos ler no primeiro livro da série.

Por um viés filosófico, outro ponto a ser observado na saga do jovem bruxo é a forma como é retratada a ambiguidade entre bem e mal. Nesse caso é singular a construção do personagem Severo Snape. Apesar de ter sido vítima de bullying e preconceito social durante sua infância e adolescência, Snape acaba se envolvendo com as artes das trevas e se tornando um seguidor de Lord Voldemort, o grande vilão da saga. No entanto, ao ouvir uma profecia que envolve Lilian Potter, por quem é apaixonado, Snape torce a sua lealdade e passa a trabalhar como um informante infiltrado para Alvo Dumbledore, diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, deixando-o ciente sobre os planos de Voldemort. Sua verdadeira lealdade e sacrifício pessoal são revelados apenas ao final da narrativa, quando ele extrai parte das suas memórias e oferece-as a Harry Potter.

A saga de JK Rowling também permite uma leitura política. Ao olharmos a narrativa por esse viés, destaca-se a luta de Hermione pelos direitos dos Elfos Domésticos, seres explorados pelos bruxos para realizar tarefas domésticas, muitas vezes também submetidos a abusos físicos e emocionais. Dobby, um elfo em destaque na história, rompe com sua família bruxa ao tentar proteger Harry Potter, ainda que se autoflagele por trair seus mestres. Hermione, ao tomar consciência da situação desses seres, funda o FALE – Fundo de Apoio à Liberação dos Elfos. Embora sua iniciativa seja inicialmente mal vista pela comunidade escolar e até mesmo pelos elfos, exceto Dobby, estes últimos conformados a subserviência aos bruxos. Ainda assim, Hermione persiste na luta pelos direitos dos elfos, estendendo o seu comprometimento com eles para além dos seus anos de estudo em Hogwarts, posto que ela continua a batalhar pela causa dos elfos ao tornar-se ministra da magia.

Sob uma outra ótica, também é importante situar a saga dentro do universo da cultura pop, visto que a história do menino bruxo já se estabeleceu como um clássico desse universo, apresentando referências na linguagem que merecem destaque, como a alusão a figuras políticas relacionando-as ao principal vilão da trama, Lord Voldemort, e aos dementadores, seres que na narrativa se ocupam em sugar a alegria e a vitalidade humana.

Pensando no mercado editorial e cinematográfico, após mais de vinte anos de lançamento do primeiro livro da série, Harry Potter se mantém um sucesso entre diferentes gerações com expressivos números de vendas de livros em diferentes países e línguas, assim

como de espectadores que apreciaram os filmes em cinemas e salas de exibições. Conforme informações da editora Scholastic (2023), que tem os direitos de publicação da saga nos Estados Unidos da América (EUA), no ano de 2023 a saga atingiu o número de seiscentos milhões de livros vendidos ao redor do mundo, desses, duzentos e trinta milhões foram vendidos apenas nos EUA.

Fora isso, é ainda preciso falar sobre a variedade de produtos derivados da franquia, jogos *Role Playing Game* (RPG), que permitem aos jogadores habitar o universo bruxo através da interpretação de papéis, produções de narrativas de fãs em páginas de fanfics, canais do YouTube e podcasts dedicados à discussão da obra, além do Spin-off *Animais Fantásticos*, série de filmes – ainda em produção – ambientada no universo bruxo cuja história se desenvolve décadas antes do nascimento de Harry Potter. *Animais fantásticos*, além de expandir o universo narrativo, também colabora para a realização de novas leituras da série Harry Potter³.

Reconhecendo a importância dos elementos mencionados anteriormente que sustentam a escolha de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* como leitura na escola, é igualmente relevante considerar a tese da professora Vanessa Sievers de Almeida, que, em diálogo com as reflexões de Hannah Arendt sobre a educação e o *amor mundi*, discute o papel dos professores na seleção dos repertórios culturais a serem apresentados aos alunos.

No âmbito da educação, são os adultos que escolhem os exemplos a serem apresentados aos alunos. Essa seleção não é meramente uma escolha individual de cada professor. O que está em jogo é o mundo comum em vista do qual devem ser feitas as opções curriculares. É nesse sentido que nos parece fundamental que cada professor identifique, dentro dos conteúdos curriculares comuns, suas “pérolas”, seus “cúmplices” e seus “companheiros”. Essa companhia lhe garante que não está sozinho em sua aposta no mundo e o ajudará a contagiar os novos com seu amor mundi. Ele educa na esperança de que os alunos, por sua vez, escolherão seus amigos entre os personagens e entre as experiências que lhes são apresentados, na fé de que eles optarão por arrumar este mundo “em cacos” e na confiança de que eles, em princípio, são capazes de agir, preservando o que vale a pena e iniciando algo totalmente novo. (ALMEIDA, 2009, p.99)

A eleição de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* como a primeira leitura longa com as duas turmas do terceiro ano, foi também motivada pela nossa visão do menino que sobreviveu como um companheiro, por reconhecer em sua história a presença do que há de belo na

³ Um exemplo disso é a homossexualidade de Dumbledore e seu relacionamento com o bruxo Gerardo Grindelwald, teoria de leitores confirmada pela autora da saga através do Twitter e que foi desenvolvida no filme *Animais fantásticos e onde habitam: os segredos de Dumbledore*.

humanidade (o amor, a amizade, a luta por equidade), mas também o horror (a guerra, a fome, a exploração dos sujeitos). Ao eleger Harry Potter, confiamos na alegria que foi nos provocada, tanto a alegria de Spinoza, que convoca a ação, quanto a alegria cultural escolar de Snyders, um convite a união, a partilha, ao desfrute em comum (SNYDERS, 1995).

Alohomora

Antes de iniciar a leitura de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* com as crianças das duas turmas de terceiro ano, conduzi uma conversa inicial com o intuito de colher informações sobre o conhecimento prévio das crianças sobre o livro. Durante o diálogo, as falas seguiram trajetórias semelhantes em ambas as turmas. Algumas crianças contaram o que assistiram do filme, despertando curiosidade entre os demais. Houve também aqueles que, ao depararem-se com o número de páginas do livro, demonstraram certa apreensão, enquanto outros mencionaram ter visto o filme anteriormente, porém acharam a experiência enfadonha. No entanto, mesmo diante dessas diferentes percepções, ao questioná-las sobre o desejo de ler o livro, a maioria das crianças, em ambas as turmas, respondeu positivamente.

Antes de prosseguirmos, não posso negligenciar o fato de que as crianças dessa escola têm acesso a obras literárias desde o grupo 2 da Educação Infantil, devido à disponibilidade de uma biblioteca na qual participam de atividades de leitura em grupo e contação de histórias. Além disso, a partir do 1º ano do Ensino Fundamental, as crianças têm a oportunidade de se cadastrar para realizar empréstimos semanais do acervo da biblioteca. Levando em consideração esses aspectos, voltemos ao momento inicial da leitura.

A princípio, a leitura da obra de JK Rowling pode parecer intimidante para crianças que ainda estão no estágio inicial de desenvolvimento da fluência leitora. Levando isso em consideração, optei por iniciar o processo de leitura realizando-a em voz alta, o que me remeteu às reflexões de Jorge Larrosa sobre o ato de ler em voz alta em sala de aula.

[...] o professor, quando lê o texto, o lê simultaneamente para fora, para dentro e para os ouvintes. Para fora porque o professor pronuncia para si mesmo e para os demais isso que diz o texto. Para dentro porque o professor diz o texto com sua própria voz, com sua própria língua, com suas próprias palavras, e esse redobrar-se do texto faz com que as palavras que o compõem soem para ele, lhe pareçam ou lhe digam de um modo singular e próprio. Para os ouvintes, porque o professor diz o texto no interior de algo que é comum, daquilo que poderíamos chamar de seu "sentido comum", aquilo que os ouvintes sentem em comum quando prestam atenção à mesma coisa e que nada mais é senão a experiência da pluralidade e do infinito do sentido. Por isso, em sua leitura, o professor lê o texto literalmente, e ao mesmo tempo com suas próprias palavras, e simultaneamente atentando ao silêncio

entre as palavras, ao espaço em branco entre as letras, às margens das páginas. (LARROSA, 2017, p.126-127)

À medida em que a leitura em voz alta avançava, a sala de aula se transformava, os ruídos se acalmavam gradualmente, criando um ambiente propício para mergulhar no texto, discutir trechos, compartilhar risadas e explorar aspectos dos personagens. Com o passar do tempo, o protagonismo da leitura foi gradativamente dividido com as crianças, assim como alternamos os momentos entre aqueles destinados à leitura em voz alta e aqueles nos quais realizávamos uma leitura silenciosa. Após as sessões de leitura, realizávamos rodas de conversa sobre o capítulo lido e atividades que tinham como intuito aproximar a escola de magia e bruxaria de Hogwarts, da escola por nós habitada. Uma dessas atividades envolveu a criação de feitiços, na qual os alunos inventaram palavras mágicas, a partir de um grupo de sílabas sugerido. Enquanto algumas crianças optaram por trabalhar com as sílabas sugeridas, outras criaram o seu próprio itinerário criativo e, ao final, embora seguindo estratégias distintas, as crianças entraram no jogo inventivo, criando feitiços e atribuindo a eles diferentes funções.

Após as atividades, uma criança fez um pedido que considerei curioso: "Professora, posso levar o caderno para o recreio?" Intrigada, perguntei o motivo do pedido, ao que ele respondeu: "É porque vamos brincar de lançar feitiços". Sempre surpreendentes, a atitude das crianças ao ressignificar o propósito da atividade, aponta para uma outra possibilidade na relação entre textos literários, crianças e escola: o potencial de as aulas de literatura atuarem como canteiros de obras. No texto *Canteiro de Obras*, o filósofo alemão Walter Benjamin discorre sobre o apreço das crianças pelos lugares de trabalho dos adultos, e o modo como elas apropriam-se desses espaços e das suas sobras, produzindo outros sentidos, criando o seu próprio mundo de coisas.

[...] as crianças são inclinadas de modo especial a procurar todo e qualquer de lugar de trabalho onde visivelmente transcorre a atividade sobre as coisas. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelo resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou no doméstico, na costura ou na marcenaria. Em produtos residuais reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e para elas unicamente. Neles, elas menos imitam as obras dos adultos do que põem materiais de espécie muito diferente, através daquilo que com eles aprontam no brinquedo, em uma nova, brusca relação entre si. Com isso as crianças formam para si seu mundo de coisas, um pequeno no grande, elas mesmas. (BENJAMIN, 1995, p.18 – 19)

Partindo da construção de Benjamin, penso que as aulas de literatura podem se assemelhar aos canteiros de obras, lugares que, embora sejam *a priori* concebidos pelos

adultos, também podem se construir como espaços que despertam a curiosidade das crianças, assim como despertam os restos de materiais de construção, de instrumentos de costura, a fim de que vejam nas atividades por nós propostas a possibilidade de criar algo novo, de libertar a novidade, a capacidade de renovação do mundo que cada ser humano traz consigo (ARENDT,2016) .

Ainda atentas a metáfora do canteiro de obras, espaço de possibilidades, nos perguntamos: mas o que seriam os resíduos das aulas de literatura? Uma palavra gostosa de dizer, uma anotação feita às pressas numa folha de caderno, o ressoar do desfecho inesperado de um conto? Com essa pergunta na cabeça, nos momentos de escrita do presente texto, decidimos ouvir às crianças, assim, após uma roda de leitura numa turma do 1º ano do Ensino Fundamental, perguntei-lhes: quando acaba uma festa, o que sobra? Ao que elas responderam, sobra balões, doces, um pedaço do bolo, refrigerante. Ao ouvir as respostas, decidi colocar outra interrogação na roda: e quando acaba uma aula de literatura, o que sobra? A pergunta aparentemente as surpreendeu, mas logo comecei a ouvir respostas como “sobra inteligência”, “às vezes sobra dever de casa”, quando uma criança se levantou e disse “sobra exercitar o cérebro”, ao lhe perguntar “para quê?”, prontamente ela me respondeu “para contar outras histórias”. Acreditamos que na elaboração dessa criança reside uma possível resposta à pergunta “quais são os resíduos das aulas de literatura?”, “exercitar o cérebro”, diria o meu aluno, “elaborar o lido”, dizemos nós. Livro fechado, mochila nas costas, tivéssemos olhos para o invisível quem sabe pudéssemos ver os fragmentos de possibilidades para construção de novos textos a reluzir em cada criança.

Também é possível aproximar a elaboração da criança sobre os resíduos das aulas de literatura, assim como a ressignificação da atividade por mim proposta, pelo grupo de estudantes do terceiro ano, ao pensamento desenvolvido por Gilles Deleuze no ensaio *A literatura e a vida*. Se para o filósofo francês a literatura tem a ver com o inacabado, com o devir, ao ponto que tomá-la como uma tarefa de saúde é também a invenção do que falta, quando as crianças se apropriam e extrapolam os limites de uma tarefa escolar, embarcando num jogo ficcional criado por elas, podem também estar imbuídas no jogo de inventar uma escola que falta? Se assim acreditarmos, assim como se assumirmos a nossa responsabilidade para com as crianças e com o mundo como preconiza Hannah Arendt como ponto fundamental em sua concepção de educação, não as deixaremos sozinhas nessa atividade. Impliquemo-nos pois! Professoras, professores, implicados com a construção de uma escola

que falta nem sempre necessitam pautar o seu movimento inventivo em grandes mudanças nas estruturas curriculares, embora elas também sejam possíveis e necessárias, mas por vezes podem optar por ouvir, entre os ecos e os silêncios do currículo, o ressoar de possibilidades de construção de novos sentidos para as suas práticas pedagógicas. Eis aí uma faísca da pequena saúde deleuziana na escola.

Sem o intuito de encerrar um debate no qual outras linhas podem ser acrescentadas e fios esmaecidos podem adquirir novas nuances, mas aproximando-me das considerações finais do presente texto, é necessário ainda registrar que ler *Harry Potter e a Pedra Filosofal* com as crianças me aproximou dos grupos do terceiro ano. Ao longo dos meses construímos uma amizade costurada pelas linhas da história do menino que sobreviveu, uma amizade que se deu pelo partilhar das palavras. A medida em que avançávamos na leitura, outras narrativas foram aparecendo, as crianças começaram a levar para as aulas outros livros, outras sagas, narrativas curtas e longas. As crianças foram compreendendo a sala de aula como um espaço propício para compartilhar seus interesses literários, como Luna⁴ que levou para aula o livro *O segredo do violista*, de Eva Furnari, ou Simas que me pediu explicações sobre os deuses nórdicos, pois um filme despertara a sua curiosidade, ou ainda Gina que vivia encantada com os contos de fadas e sempre optava por livros do gênero em seus empréstimos na biblioteca escolar.

Com a chegada das últimas semanas do ano e a aproximação do término do ano letivo, não conseguimos terminar a leitura do primeiro livro e decidimos assistir ao filme, pedido que as crianças já haviam feito desde o início da leitura. Terminado o trabalho, não podemos dizer que todas as crianças foram afetadas pela história do órfão de olhos verdes, mas pelo trânsito de livros que se deu nas duas turmas, posso dizer que a literatura produziu os seus afetos, ao lermos juntos, criamos uma comunidade, não do consenso, mas da amizade, uma comunidade daqueles que foram mordidos pelo mesmo veneno, a literatura (LARROSSA, 2017).

Ao fim, não podemos deixar de rememorar um episódio do livro *Harry Potter e a pedra filosofal*, quando após os protagonistas Harry, Hermione e Ron derrotarem um trago montanhês e selarem a amizade que ainda estava em processo de construção e um tanto fraturada por pequenas intrigas, vemos, pela voz narrativa:

Mas, daquele momento em diante, Hermione Granger tornou-se amiga dos dois. Há coisas que não se pode fazer junto sem acabar gostando um do outro, e derrubar um

⁴ Nomes fictícios do universo mágico de Harry Potter

trasgo montanhês de quase quatro metros de altura é uma dessas coisas.
(ROWLING, 2017, p. 122)

Compartilhar com crianças a leitura de *Harry Potter e a pedra filosofal* também é uma dessas coisas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. **Amor mundi e Educação**: reflexões sobre o pensamento de Hannah Arendt. 2009. 193 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-08122009-160028/publico/Vanessa_Sievers_de_Almeida.pdf. Acesso em: 06 jul. 2023.

ARENDT, Hannah. A crise na Educação. In: ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. p. 185-208.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras escolhidas, v.2

DELEUZE, G. A literatura e a vida. In: DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Reyes, Yolanda. Mediadores de Leitura. In: **Glossário CEALE**. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura>. Acesso em: 12 jul. 2023. Página originalmente publicada em 2014.

SCHOLASTIC. Scholastic Marks 25-Year Anniversary Publication of J.K. Rowling's Harry Potter and the Sorcerer's Stone [online]. Disponível em: <http://mediaroom.scholastic.com/press-release/scholastic-marks-25-year-anniversary-publication-jk-rowling-s-harry-potter-and-sorcere>>. Acesso em: 12 jul. 2023.